

## **Arquivo Central do Sistema de Arquivos - UNICAMP**

**Programa:** Memórias da Unicamp - História Oral

Entrevista de Zeferino Vaz

Tema principal: os 12 anos da Unicamp

**Entrevistadores:** - Roberto de Godoy Marques Filho - **RGMF** - Assessor de Imprensa da Unicamp.  
- José Roberto Magalhães Teixeira - **JRMT** - Secretário de Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas.  
- Marcus Vinícius Pasini Ozores - **MVPO** - Presidente do DCE da Unicamp  
- Marco Antonio Quintas - **MA**

**Local:** Unicamp - Gabinete do Reitor

**Data:** março de 1978

### **FITA I LADO A**

**RGMF** - A Unicamp tem 12 anos.[ 0 ] se transformou, certamente, no mais importante centro Universitário do país. Como foi possível fazer tudo isso em 12 anos?

**ZV** - É um segredo de polichinelo. Na realidade, houve uma experiência anterior: a experiência de Ribeirão Preto, bem sucedida, em que se pode lá estabelecer um grande centro médico, de educação médica e de pesquisa científica. Demonstrou-me que era possível fazer no interior, uma grande Universidade. E a experiência de Ribeirão Preto e o longo passado de investigação científica, de vivência no Conselho Universitário da Universidade de São Paulo, onde ingressei em 1935 - Conselho Universitário de que fui participante durante 27 anos - , lá aprendi dos mestres da USP e da vivência da implantação, aprendi a verificar erros e acertos naturais num processo de implantação. De sorte que quando vim para o planejamento e implantação da Universidade Estadual de Campinas, eu trazia uma experiência que me permitiu estabelecer desde o início alguns princípios básicos: o primeiro é de que a Universidade deve ser um organismo e não uma colônia de organismo. Não um conglomerado. Que ela atue como atua uma

grande orquestra para obter uma sinfonia. Se os músicos tocarem cada um isoladamente, jamais se obtêm o efeito de uma sinfonia. O segundo princípio básico foi quanto à meta a ser estabelecida, o que busca uma Universidade, qual o objeto final da Universidade. Ficou bem estabelecido que seria a promoção do bem estar físico, social e espiritual do homem. Estabelecida a meta, o “gol” a alcançar, como segundo ponto básico do planejamento, passei a definir que atividades ela deve desenvolver para alcançar este “gol” e essas atividades são as clássicas de ensino e de criação de pensamento original nas ciências, nas artes, na filosofia. Mas, uma terceira função da Universidade, definida já em alguns estatutos, mas nunca levada a sério ou quase nunca levada a sério, que é a prestação direta de serviços a comunidade. E fixadas as atividades, passamos a definir que elementos necessários como em qualquer planejamento, por isso é que eu digo que é um segredo de polichinelo, digo quais são os elementos necessários para que a Universidade pudesse alcançar, desenvolver aquelas atividades para alcançar o objetivo final. E repito, pela milésima segunda vez: primeiro homens, segundo homens, terceiro homens, depois bibliotecas, depois equipamentos e por fim edifícios. Portanto, o ponto chave e que explica tudo foi a seleção de homens. Homens capazes, intelectualmente e animicamente, homens com ciência e com ética e com o ímpeto, o impulso de transmitir conhecimento. E aqui eu nada mais fiz do que seguir o exemplo que nos deu Armando Salles de Oliveira na fundação da USP em 34, que foi buscar no estrangeiro, mais de uma centena de grandes cientistas franceses, alemães, italianos, ingleses e americanos sobretudo. Selecionou aqui no Brasil alguns talentos, poucos para o corpo docente e entre eles, André Dreyfus, o papa da Genética, o fundador da Genética Brasileira; um Theodoro Ramos, um grande matemático; um Fernando Azevedo, grande educador e sociólogo, e assim por diante. E o sucesso está aí, a razão do sucesso da USP que em pouco tempo se projetou no ambiente internacional como uma grande Universidade dedicada ao ensino e à investigação científica. E aí estão, por exemplo, os inúmeros discípulos de Wataghin que hoje são os grande físicos brasileiros, todos dele derivados. Mas, vejam que personalidades trouxe a USP no seu início: além de um Gleb Wataghin, trouxe um Garet, o grande, o maior poeta da Itália, como professor de

literatura italiana; trouxe o Hectory Honorato, hoje professor da Universidade de Roma, como fundador do departamento de mineralogia. Trouxe o Fantapie, da matemática;

trouxe Hainsch Hinboc, na química, e o Halkman, também na química; um Bresslaw na zoologia. Isso apenas para dar um Pierre de Foutan, na geografia humana, o Argust da física, o Levi Straus; são aí nomes universais e que vieram aqui, fizeram escola. Para, se eu vivi essa fase de implantação, porque ingressei na USP como catedrático, em 1935, (ela fora fundada em 34). A mim competia aprender esta lição e eu seria um imbecil se não a utilizasse. E creio que não sou completamente imbecil. Então, o que fiz quando vim para cá: passei primeiro a convidar grandes cientistas brasileiros que estavam nos Estado Unidos e na Europa, apoiando para seu o patriotismo, apoiando para a conjuntura nova deste país que estava numa arrancada de desenvolvimento; o governo interessado em trazer de volta cientistas que para lá foram porque não encontravam dantes aqui condições adequadas de trabalho, e assim consegui trazer mais de cem ; e trouxe duzentos e trinta professores estrangeiros, a USP tinha contratado um pouco mais de cem, eu já tinha que... quarenta anos depois, é claro que esta proporção tinha que ser aumentada e fui procurar professores pelo país, onde eles estivessem, o bom, sem qualquer discriminação; eu costumo dizer que temos até paulistas aqui na Unicamp. Não importa sua origem, não importa sua raça, não importa seu credo, não importa sua religião e não importa sua ideologia política. Ele tenha a ideologia que queira, que a sua consciência determina, e eu não vou entrar na consciência de cada um. Mas, eu repito o que já tenho dito: não admito que nenhum professor utilize a sua cátedra para pregar ideologia extremista, porque isto é covardia. É covardia o indivíduo que tem superioridade mental, superioridade cultural, superioridade hierárquica, induzir jovens adolescentes ou pouco mais de adolescentes que estão à busca de um caminho, induzi-los a seguir o caminho da preferência deste professor, não é? Isto considero crime de prevaricação; covardia e crime de prevaricação. Mas, a ideologia que ele tenha, se ele quer pregar lá fora da Universidade é um problema dele e não meu, é um problema com a sociedade. O que

ele não pode é esconder-se atrás da saia da Universidade, da Autonomia da Universidade. Assuma a responsabilidade. E admiro os homens que têm

ideologias de boa fé, crentes e que eu respeito. Aí estão os segredos do sucesso da Unicamp. Mas, há talvez um outro que agora pode ser que alguém atribua ao Reitor como tem sido feito com freqüência: é o ambiente de estímulo à criação original. A criação de pensamento original, que preocupa o Reitor constantemente.. É a política que adotei desde o início, de discriminar e de dar recursos e apoio moral e material àqueles que têm criatividade nas artes, nas ciências, nas letras ou na filosofia, indiferentemente. Aqui não fazemos distinção entre cientistas e artistas; o que importa é a criatividade. O artista criador, criativo como um Almeida Prado, ele merece tanto respeito quanto um Rogério Cerqueira Leite ou um Hipper ou um Sérgio Porto. Um maestro como Benito Juarez, que é realmente um homem excepcional como dirigente e merece o mesmo respeito que um grande filósofo ou um grande literário, porque ele realmente é original na maneira como conduz, na maneira como obtém a cooperação dos músicos e na disciplinação e na seleção, enfim, na direção de uma grande orquestra. E que faço com os outros: os que estão em nível médio, continuam trabalhando; os que não produzem, eu busco dispensá-los da Universidade. Mas, o Reitor deve, precisa estar constantemente em contato com os homens de criatividade, estimulá-los. Eles precisam sentir que tem o apoio, que tem ressonância da parte do Reitor que é a réplica psicológica do pai, do pai que disciplina, mas, do pai que estimula, do pai que protege, do pai que apoia. O que não é possível é tratar por igual indivíduos com capacidade criativa ou de trabalho diferentes. Isto é injustiça. E é este estímulo contínuo que o Reitor dá aos homens que trabalham e produzem, que criou na Unicamp um ambiente de calor humano, de intensidade de trabalho que a todos empolga: artistas, cientistas, filósofos e literatos e que se demonstra como resultado pela produção; produção tornada pública nas artes, nas ciências, na literatura, na filosofia, na economia, na sociologia, na antropologia, na política e assim por diante. Aí estão as razões que explicam porque a Unicamp, que teve a sua Pedra Fundamental lançada em outubro de 1966,, pelo presidente Castelo Branco, porque não dispunha de

uma sala própria, hoje está projetada nacional e internacionalmente como uma boa Universidade.

**JRMT-** Doutor Zeferino... (intervenção...)

**ZV** - O ponto decisivo no planejamento da Universidade, como disse, foi que ela se dirigisse à comunidade para detectar-lhe os problemas, equacioná-los e buscar solução para eles. Repito pela milésima segunda vez: não podemos esperar que a comunidade venha à Universidade solicitar solução para os problemas, por duas razões: primeiro, porque geralmente a comunidade ou os indivíduos da comunidade, não tem consciência desses problemas; segundo, quando o tem, temem a Universidade ou vêem nela algo de tão alto que é inacessível e inatingível; e cá entre nós, as Universidades têm cultivado um pouco este aspecto de isolacionismo. E desde o início da implantação da Unicamp, a preocupação fundamental do Reitor e dos seus professores foi buscar solução para esses problemas: problemas de produção industrial, problemas de produção agrícola, problemas de saúde, problemas de ajustamento econômico e social, problemas de educação primária e secundária, problema de desenvolvimento da cultura artística e é sabido que a Universidade, em todos esses campos, tem realmente conseguido resultados extremamente interessantes de que é testemunha, sobretudo, esta riquíssima e bela Campinas.

**JRMT** - Eu vim a saber e justificar o convite que me fizeram, logicamente deve ser por pertencer à administração municipal e também por ser um político e, no caso também, Secretário da Cultura. Mas justamente essas últimas palavras suas é um tema das minhas perguntas, das minhas indagações. Nós sabemos que dentro da filosofia do Reitor e da Universidade, o ensino, a pesquisa e a prestação de serviços. Então, eu sei da sua intenção, sei de atos já realizados, inclusive na Secretaria da qual, pela qual eu respondo, nós temos, talvez, umas das poucas secretarias que têm um convênio firmado com a Unicamp e independente deste convênio, temos já situações de fato que estão

exigindo convênio, como o caso da imprensa anunciada até agora (formalidade que o ato exige), a biblioteca municipal hoje tem livros da Unicamp, livros básicos, principalmente no sentido de integrar os alunos da Unicamp e de toda cidade, nós temos o Clube do

Pescador e, inclusive, materiais básicos à nossa própria biblioteca. Então, nós estamos aqui bem a cavalheiro, para minha pergunta no sentido genérico.

**ZV** - Não há uma coisa a acrescentar. É que a Universidade, quando ela presta serviço, ela também obtém da comunidade, não apenas cooperação de seus elementos capazes, mas os ensinamentos que os nossos professores adquirem, a formação completa que eles adquirem em contato com realidades sociais que não são casos de livros, como exemplo da importância de que nós podemos tomar da comunidade para a Universidade, porque o processo é recíproco, é um vai e vem, e cito o caso da Orquestra Sinfônica de Campinas, que hoje é considerada das melhores do Brasil, se não a melhor. Mas ela é sustentada pela Prefeitura Municipal; o regente é nosso, mas, o que faria o regente sem os músicos? Nós não podemos sustentar os músicos. Mas, associando-nos, nós todos ganhamos e obtivemos este resultado espetacular que é a Sinfônica de Campinas. O caso da educação primária e secundária, quantos professores nossos, hoje, estão em atividades nas escolas secundárias e primárias em Campinas? Estão mudando sim, estão colaborando sim, mas estão recebendo; recebendo ensinamentos preciosos da realidade sócio - econômica que ninguém tem, ninguém levantou adequadamente. Campinas tem um levantamento industrial da cidade de Campinas, este último relatório tão bem analisado pelo Godoy no Estado de São Paulo, como poderia, é a única cidade, única região brasileira que tem um estudo minucioso, detalhado de tudo quanto se produz em Campinas. Mas nos setores em que ela se distingue e o governo e agora tem orientação para conduzir uma política de desenvolvimento industrial adequada em função de recursos humanos e recursos materiais, em função de necessidades nacionais. Então, ele dará esses recursos com o fundamento em realidades que foram levantadas pela Universidade de Campinas, pois como poderia a Universidade de Campinas elaborar este estudo para o governo se não

tivesse o campo de Campinas para... A formação de nossos professores e de nossos estudantes como economistas e como administradores que realmente conhecem a realidade e não casos teóricos. Desculpe esta interrupção, meu caro secretário, mas, eu gostaria de ressaltar que a Unicamp não está fazendo um favor, ela está ganhando também. E há reciprocidade de lucro.

**JRMT** - Então, de preferência, no nosso setor já existe um perfeito entrosamento. Logicamente, então nós temos que ter uma análise maior da cidade. Então, nesse sentido, nossa Universidade, embora tenha o nome de Campinas, não seja uma Universidade de Campinas, a Universidade, logicamente, é para o Brasil e tem condições hoje de até estar exportando know-how para o exterior. Mas, logicamente, que ela está só situada em Campinas, ela pensa em seus deveres como trabalho [ 00 2 ] urbano da cidade [ ] problema com a região, especificamente com a região porque, inclusive, nós sabemos que têm unidades da Unicamp que estão em outras cidades.

**ZV** - É como o Ciclo Básico aqui.

**JRMT** - Então, nós sabemos que têm diversos problemas da região, que não têm, assim, um diagnóstico ainda perfeito [ 00 2 ] e, talvez, os elementos da Unicamp tenham condições de mostrar não só para o prefeito de Campinas, aos dirigentes de Campinas, mas de toda região, soluções regionais que nós não podemos evitar hoje, com o crescimento regional e das cidades que estão próximas à Campinas e com a solução de Campinas, pensando em termos do município de Campinas, resolva o problema todo; nós temos que pensar hoje na região, evidente. Então eu gostaria de perguntar (**ZV** - aí será a capital da região) [ ] uns problemas maiores de Campinas, se a Universidade já fez algum estudo, vai fazer; logicamente, que nesses 12 anos não foi possível fazer tudo. O problema de transporte: o problema do transporte nós temos a nível de pesquisa [ ] é mais um problema da cidade. Então, eu gostaria de saber do Reitor se a Universidade já se preocupou ou fez uma pesquisa nesse sentido, do transporte não como a nível municipal e sim, regional. O problema de água, nós somos

sabedores também, que a região de Campinas que é bem classificada está condenada em poucos anos a não ter mais água para beber, justamente em virtude de captações, extrema cantareira, que levaria água para a capital. Então, se a Universidade, como órgão de pesquisa, não se preocupou com isso sugerindo um parecer para as autoridades estaduais e no caso federais na preocupação da solução do problema da região de Campinas. O

problema do lixo, o problema do lixo é um problema sério hoje com a industrialização do plástico. Então, cria-se um problema maior para todas as cidades médias, grandes. Nós precisamos, logicamente, saber onde colocar o lixo, não apenas recolher, mas, até a industrialização. Se a Universidade, se é um problema sério das comunidades, se a Universidade também se preocupou na solução deste problema da industrialização; não somente apresentar as respostas científicas, mas na prática também; inclusive, fornecendo dados para a indústria mostrando o estado, talvez, da instabilidade da indústria do lixo. E, principalmente, o básico de tudo isso, [ ] na política de economia e também financeira do município em relação ao Estado e a União. Nós sabemos hoje que a divisão do bolo, a União fica com a maior parte, depois o Estado e o menor fica no município. E na verdade nós moramos, estamos no município, moramos no município, nós temos problema de lixo no município, quem paga é o município, o aluno, o menino mora e nasce no município, o grande índice de mortalidade infantil é no município, ele é tratado no município, é participador das atividades no município. Então, talvez a Universidade, que tem assim um grupo de cientistas no ramo da economia, das ciências, ciências afins que, se não apresentaria ao governo alguns dados do setor da industrialização federal e estadual, principalmente soluções, porque acredito que hoje, não somente Campinas, mas também todos os municípios médios do Brasil estão falidos. Se pudéssemos ter que pedir falências, todos os municípios do Brasil estariam com pedido de falência já decretado. Decretado o pedido, ou já decretado com toda tranqüilidade. O que nós sentimos em Campinas sabemos que existe em São Bernardo, em Juiz de Fora, em Londrina, em Ponta Grossa, no Recife, em todas as cidades médias estão no caos.



Então, [ 00 1 ] se a Universidade estaria prestando algum serviço, alguma informação às autoridades federais neste sentido.

**ZV** - Bom, eu vou começar a responder pela última, que é a base do pilar. Realmente, o problema da distribuição da renda nacional interessa e empolga o Brasil inteiro. Há uma evidente distorção do problema da arrecadação. A concentração da renda na esfera federal, a meu ver, não pode mais continuar, porque se está chegando a uma situação de

descalabro a que meu ilustre Secretário de Cultura se refere nas suas indagações. São os problemas de saúde, são os problemas de educação, são os problemas de toda a infraestrutura da cidade e município; é o problema da redistribuição de água, é o problema da rede de esgoto, é o problema hospitalar que causa pressão direta sobre os prefeitos municipais. Porque eles é que têm o encargo de prover

#### **FITA I LADO B**

de prover essas necessidades básicas de infraestrutura, sem falar da rede diária do município, que dá despesas enormes. Mas, como é possível aos municípios, que têm a parte do cordeiro na distribuição da renda, a parte do leão fica com a União, dar soluções a esses problemas? O que se está fazendo atualmente, a meu ver uma solução que não tem sentido, é que os municípios ficam recorrendo a órgãos federais como a Caixa Econômica, através do fax por exemplo, pedindo esmolas, na dependência de favores para prestar um serviço que a prefeitura tem a obrigação de fazer, para qual entendo. Mas, este problema, meu caro secretário, é de todos os prefeitos de todo o Brasil e é também do Estado; ele foi levantado já em reuniões de Secretários de Fazenda dos Estados, a proposta do ICM que é a grande fonte de arrecadação dos Estados. Quando o governo Federal, no anseio legítimo de estimular as exportações, dispensa de pagamento do ICM as mercadorias exportadas e ainda credita ao exportador aquela quantia que deveria pagar para descontar de ICM, daquilo que vende

aqui, quem está perdendo é o Estado de São Paulo. Quer dizer, o governo nacional está cumprimentando com chapéu alheio; se não me engano, chama-se isso cumprimentar com chapéu alheio. Reduza, estimule as exportações, crie incentivos para as exportações, mas não a custa do Estado, porque quem fica com o bolo da renda nacional é sempre o governo ganhando. Eu sei que o governo da União tem também muito para se responsabilizar, mas, é um fato que nós observamos que um prefeito ou outro, ou uma cidade ou outra, ou um Estado ou outro, sempre encontram um jeito de conseguir um empréstimo: ou da Caixa Econômica, ou do Estado ou do BNDE ou

empréstimo exterior que o Senado aprova e o Governo Federal avaliza, mas a responsabilidade de pagar é sempre do governo de Estado. Eu não creio, meu caro secretário, que haja necessidade de estudos maiores, porque são óbvios [ 55 - 0 ] está gritante, em reuniões de Secretário da Fazenda, em congressos municipais, porque é gritante o erro destas distribuições. E se a distribuição fosse mais equitativa, dando aos municípios condições adequadas de arrecadação, eles poderiam assumir a responsabilidade do ensino primário que deve ser do município. Numa distribuição normal do ensino primário do Município, o ensino secundário do Estado, o ensino superior do Governo Federal. Mas, como podem as prefeituras ampliar a sua rede de ensino, sobretudo agora, quando está demonstrado que é preciso criar o pré primário e dar àquelas crianças alimentação, para que elas tenham capacidade de aprender, para que elas gozem de uma certa saúde; e a saúde, o direito à saúde antecede aos direitos de educação. Isto é algo que eu quero insistir, é que antes de educar o homem é preciso ter a garantia de sobrevivência com saúde. O que adianta ministrar o ensino como está demonstrado; há crianças que não têm a capacidade de aprender, porque são desnutridas, porque têm uma anemia, porque tem deficiências protéicas, têm deficiência de desenvolvimento mental. É claro que os nossos economistas estão cientes e conscientes disto e acho completamente desnecessário mais algum estudo adequado para demonstrar aquilo que está fartamente demonstrado. A segunda, a outra questão anterior...

**JRMT** - Tem o problema dos transportes.

**ZV** - O problema de transporte, meu caro secretário,

**JRMT** - Inclusive, o seguinte, eu gostaria de ouvir se a Unicamp já ofereceu algum apoio e o município, ou os municípios, ou a região aceitou também, e, inclusive, um dado que...

**ZV** - O que pode, a Unicamp sente na própria carne o problema do transporte. Eis que o transporte da Cometa de forma alguma atende as necessidades da Unicamp, e a Unicamp é obrigada a contratar uma empresa particular e pagar quantias substanciais de seu minguado orçamento para garantir transporte de alunos da cidade para, e de funcionários para o campus e vice - versa. Então, nós sentimos agudamente, na carne, a dor do problema do transporte e temos que pagar para ajudar a resolver. O que a Universidade pode sim, através do Departamento de Estatística, e eu sei que há tentativas neste sentido, é de oferecer um planejamento para a distribuição do transporte em função de horários, em função de fábricas, em função de deslocamento, de problema de deslocamento de massa de residências, onde estão localizados os operários aqui, ali, acolá, não é? E este levantamento industrial que o Godoy analisou, tão bem no Estado de São Paulo, tem, com o Marco Antônio, tem também este objetivo de ver, em que parte, que localizações que estão a exigir uma distribuição melhor da rede de transporte. O que a Universidade pode oferecer é apenas planejamento, através do seu Departamento de Estatística, e sei que a professora Maria de Jacira já teve contato e está buscando apresentar alguma solução neste sentido.

**JRMT** - O problema da industrialização do lixo

**ZV** - O problema da industrialização do lixo...Exatamente. O problema da industrialização do lixo está, ele está até certo ponto correlato um pouco com o problema de produção de energia. Como sabem, a Unicamp tem um grupo de hoje,

quase cem, dirigidos pelo professor João Meyer que estuda energias não convencionais. E, ora, é sabido que o lixo é uma das fontes de energia que tem sido desperdiçadas, mas, nós estamos ainda numa fase preliminar, ainda não chegamos ao lixo. Estamos estudando o problema do álcool, o problema de biomassa, o problema de energia solar, o problema hoje que se está estudando aqui, o aguapé, que é um produtor de metano e esta praga dos rios,

**JRMT** - uma região cujo dono é a Companhia Paulista [ ]

**ZV** - Vamos ver se transformamos esta praga num elemento útil de produção de metano, que é um combustível de alta qualidade. Mas, aqui na Unicamp, ainda não chegamos à fase de industrialização do lixo. Mas, posso afirmar que chegaremos, em breve, a buscar alguma solução.

**JRMT** - E o problema de água na região de Campinas...

**ZV** - É, este problema de água também foi por nós...

**JRMT** - Inclusive, que dentro da Unicamp sente ...

**ZV** - É, porque nós perfuramos poços artesianos aqui no começo e agora estamos recebendo uma adutora da cidade de Campinas, adutora que está nos preocupando por causa do problema do hospital. Porque já foi sangrada aqui [ 53 ] Almeida Prado. A Universidade pagou a contribuição sua para que a rede chegasse até cá, e agora esta rede foi sangrada e nós estamos preocupados de que essa água não seja sangrada, não seja suficiente para atender as múltiplas necessidades dos laboratórios de pesquisa e, sobretudo, no Hospital das Clínicas. E nós esperamos pôr o prédio em funcionamento com quatrocentos leitos e um atendimento anual nos seus ambulatórios de trezentas mil consultas. Vai dar realmente um atendimento de retaguarda extremamente eficiente.

Hospital que está inserido na rede de saúde, interligado, e não pode deixar de ser com a rede municipal de saúde, com a rede estadual de saúde. E com o INPS, naturalmente. Mas, o problema da água não depende tanto do município de Campinas, depende mais da utilização das fontes que vêm para Campinas para outras...

**JRMT** - Então, eu acredito que o estudo apresentado pela Funcamp, talvez, merecesse mais atenção do responsável, no caso a Sabesp, do que talvez um estudo isolado de

uma prefeitura como Campinas ou de Piracicaba, que a Universidade mostraria alguns fatos para um outro órgão de Campinas respeitado para que eles não atentam para o problema da cidade de São Paulo, mas “atendam ao problema de toda” região. Então, acredito que um parecer, uma participação das Universidades seria mais do que mais do que relevado e no caso com maior atenção.

**ZV** - É evidente que a Universidade tem que se interessar pelo problema, “entrar no negócio”, por razões egoística, [ 52 - 53 ]em segundo porque interessa à região de Campinas a qual ela está inserida. Porque, no momento não temos ninguém estudando este problema; mas é um a ser levantado [ ] nossa sugestão.

**RGMF** - Aliás, não é um problema novo para a Unicamp, a Faculdade de Engenharia de Limeira fez um estudo dos mananciais para Limeira.

**ZV** - Fez para Piracicaba, fez para Jundiaí. Mas aí, foi um estudo da rede interna, não é, dos mananciais.

**JRMT** - [ ] Todas as redes de mananciais para região toda, porque hoje nós não podemos administrar por apenas um município.

**ZV** - Mas, os estudos a que ele se refere feitos pela Unicamp através da Engenharia de Limeira foram estudos das bacias, dos recursos hidráulicos de Jundiaí, num primeiro

momento, depois Piracicaba e depois Limeira. São estudos muito bem feitos para unificação global de todos os recursos de riachos, córregos por onde devem passar as canalizações; são estudos mais de campo, locais, para prover necessidades locais. Ao passo que este outro problema, é um problema mais alto; é um problema das grandes fontes de recursos e que estão, talvez, sendo desviados [ 52 ] em partes consideradas do Estado de São Paulo em necessidades presentes em Campinas.

**RGMF** - Após, a declaração de intenções do digno secretário, o Marco Antônio.

**MA** - Professor Zeferino, eu tenho três perguntinhas.

**RGMF** - Estão interligadas ?

**MA** - Não, mas é que depois foge. A primeira delas é a seguinte: a Unicamp, pelos menos assim em princípio, pelo meu modo de ver, inaugurou um nova filosofia universitária no país. A Universidade da Paraíba está começando a crescer agora, seria o primeiro filho do sistema novo da Unicamp?

**ZV** - Não, não é o primeiro filho. Na realidade, a Unicamp tem convênios, hoje, com mais de uma dezena de Universidades Federais e Estaduais do Brasil, buscando pregar a sua filosofia e a adoção dos princípios aqui adotados. Mas, não é só com Universidades Brasileiras; também com Universidades Latino - Americanas, como a Bolívia, o Paraguai e agora temos convênio com a Universidade de Belgrano a qual buscamos transferir algo da nossa experiência com realidades concretas de resultados obtidos, desde que adotados os princípios básicos que nortearam e condicionaram a implantação da Universidade de Campinas. Eu posso afirmar que a Universidade da Paraíba é uma delas, a Universidade do Rio Grande do Norte, a Universidade de Natal, a Universidade do Pará, a Universidade de Manaus, a Universidade do Acre, a Universidade Estadual do Mato Grosso, uma série delas, eu não sei citar todas, temos

convênios e mútua cooperação, em que nós buscamos levar muito da nossa experiência e do nosso trabalho.

**MA** - Na sua opinião, a Universidade Brasileira está se reelitizando?

**ZV** - O que ... Eu entendi bem a pergunta: o que é reelitizar; o que, a queixa que eu

ouço é de massificação; de que as Universidades foram ampliadas em número, hoje temos mais de um milhão de estudantes universitários, houve um explosão de educação superior, explosão esta que é consequência da explosão do ensino secundário. A multiplicação de escolas secundárias, naturalmente condicionou que muito maior número de estudantes terminassem o secundário e muito maior o número dos candidatos ao ensino superior. Eu quero deixar bem claro meu pensamento quanto ao papel da Universidade. A Universidade, ela tem que ser elitista. É estranha, pode parecer estranha esta minha afirmação, mas não é. Ela se baseia no direito natural. Eu sou um biólogo, homem de ciência, e sei que a natureza é elitista; não é a Universidade. A natureza distribuiu desigualmente talentos e capacidades. E nós não podemos aceitar, indiscriminadamente, como aluno de medicina, ou de engenharia, ou de direito, ou de economia, ou de filosofia, ou de artes, [ 00 - 4 ] que quer ser porque quer ser. Ele precisa antes demonstrar que tem capacidade para aprender e depois aplicar os conhecimentos que adquire na Universidade. Mas, esta capacitação depende da, do patrimônio genético. É a loteria genética que condiciona que o indivíduo tenha talento musical, outro tenha talento em matemática, o outro seja um filósofo. Eu, por exemplo, adoraria tocar piano, eu adoro a música, mas, infelizmente a natureza foi avara comigo e não me deu nenhum talento para piano. E eu tentei, aprendi, e minha mãe insistiu, anos e anos, e não deu em nada não; não passei do “smow”, eu não passei do segundo “smow”. Por quê? Porque não tenho o talento natural, e então o que fiz? Eu fui fazer alguma coisa que eu posso utilizar instrumentos criados pelo homem, que me permitem pôr perguntas à natureza, e então fui ser um parasitologista, uso de

microscópio, que clareia a minha inteligência e me permite ver coisa que eu não poderia ver, não é? Então, a Universidade não pode aceitar, indiscriminadamente, todo o indivíduo que queira nela penetrar. Ela tem que selecionar, como seleciona um jornal que quer ter bons repórteres e profissionais, ela não admite que o sujeito que queira ir, ela faz ou não testes e provas de capacitação? Faz. Pois se isso é feito para um jornal, se é feito para qualquer empresa industrial, com muito mais forte razão para uma Universidade. Tem que haver uma seleção. O que é fundamental, e isto sim, autêntica democracia, é

oferecer igualdade de oportunidades aos indivíduos que têm capacidade para elevar o seu status cultural e social. E para isto, é que é indispensável a criação dos cursos noturnos para atender aqueles indivíduos, aqueles indivíduos que trabalham durante o dia, que têm que sustentar a família, ou sustentar-se a si próprio, mas que tenha anseio de progredir, legítimo, e não podem estudar de dia, porque as Universidades em geral só funcionam durante o dia, então a Universidade tem que oferecer cursos noturnos. E eu digo isto com grande autoridade, porque fui eu o principal responsável pela criação dos cursos noturnos da Universidade de São Paulo, isto há mais de trinta anos. E não me arrependo e nem a Universidade se arrepende, ao contrário, milhares de indivíduos, hoje, ocupam posições excelentes e elevaram seu status social estudando à noite na USP, na Universidade de São Paulo, em diferentes cursos. É claro, eu não posso fazer, infelizmente, um curso noturno de medicina. Mas aí, a razão é porque eu não quero e não posso submeter o doente à manobras de estudantes e de professores, à noite, quando ele precisa dormir e descansar. Aí, é um problema de saúde do homem que sobrepõe a qualquer outro. Então, para estes que têm a vocação e que não podem estudar, não devem estudar medicina à noite, porque não pode ter curso de medicina à noite, só para estes casos é que eu compreendo a bolsa de estudo. E não basta o ensino gratuito, o ensino gratuito não é democrático, porque ele é desnecessário para o rico e é insuficiente para o pobre. Desnecessário para o rico, porque quem tem pai rico, com renda boa, pode e deve pagar. O pobre não basta ter ensino gratuito, porque ele precisa de mais alguma coisa, para vestir-se, para transportar-se, para alimentar-se e para



morar. Então, repito com ênfase: o ensino gratuito oficial é demagógico e anti - democrático, porque é desnecessário para o rico e absolutamente insuficiente para o pobre.

**MA** - O Reitor da Unicamp acha que o estudante universitário deve participar de política?

**ZV** - Deve. O estudante universitário deve participar de política democrática. Eu não sou suicida que pregue ideologias que acabam com a liberdade, de direita ou de

esquerda. Deve participar do processo democrático ativamente nos partidos políticos, e não na Universidade, que é local em que se preparam culturalmente os políticos. O que a Universidade contribui decisivamente para o aperfeiçoamento político é através do aperfeiçoamento cultural, a prática da atividade política, ele a faz nos partidos existentes. Considero que a existência de apenas dois partidos é um erro, que outros partidos devem ser criados para obedecer outras tendências, que não a de dois partidos. Mas, o estudante deve participar ativamente e a Universidade tem por dever prepará-lo para que ele, se segue uma carreira política, o faça com uma bagagem cultural e de conhecimento de realidades brasileiras adequadas.

**MVPO** - Bom, as perguntas que eu ia fazer, o senhor já respondeu em parte. [ 00 - 2 ] primeiro, a Universidade como prestação de serviço como o senhor sempre pregou em todas as suas falas, o senhor sempre frisou bem o homem comum, o homem necessário, que necessita de apoio de uma Universidade. Então, são várias perguntinhas que posso englobá-las; este tipo de prestação de serviço continuará aumentando cada vez mais?

**ZV** - Deve continuar. É fundamental que continue. Eu considero que a Unicamp está apenas no comecinho da prestação de serviço, ainda que ela já tenha prestado muitos. E o nosso caro secretário de cultura indicou alguns, ele que é testemunha de quantos serviços nós temos prestados à comunidade campineira, como o secretário da cultura

indicou alguns que estão a merecer a atenção, o estudo e a dedicação da Universidade. Nós devemos multiplicar, incentivar, conscientizar cada vez maior número de nossos professores a ir à comunidade e detectar-lhe os problemas. São muitos, problemas de ajustamento econômico social, problemas de preparação do professorado primário e secundário que são da responsabilidade da Universidade. É a Universidade a fonte da preparação, ela é a grande responsável pelos problemas da educação primária e secundária, ela não pode fugir desta responsabilidade; a responsabilidade para a solução. Ela não é responsável pelo que existe no momento. Mas, se existe, ela deve ir, ativamente, buscar aperfeiçoar o

professorado secundário e o professorado primário, e o pré-primário que tem sido esquecido no processo educacional brasileiro. Então, que fique bem claro que, ainda que feliz pelo muito que a Universidade de Campinas já tem realizado em favor do “Uomo Qualunque”, do homem comum, ainda sim, considero que ela apenas está no início de suas atividades nesse sentido de prestação direta de serviços à comunidade. Que ela deve estender cada vez mais, ampliar, para realmente cumprir o seu dever para com a comunidade que a sustenta. E não é só a comunidade local campineira. Ela é Universidade Estadual de Campinas, mas Campinas sempre se caracterizou pelo espírito de bandeirante e de brasilidade; que estes serviços se estendam a toda comunidade brasileira como já estamos fazendo, por exemplo, com o Campus Avançado de Cruzeiro do Sul.

**MVPO** - Agora, uma pergunta mais específica sobre os problemas da Universidade. O senhor já falou por várias vezes, que o senhor prefere que a Unicamp seja uma Universidade pequena. Uma Universidade que o senhor acredita que queira ter no máximo dez mil alunos, quinze mil, metade de alunos de pós graduação e metade de alunos de graduação.

**ZV** - Eu acho que ela deve ter dez mil de graduação e cinco mil de pós graduação.

**MVPO** - Isso foi uma vez que nós ficamos conversando, desculpe. A Universidade brasileira, ela é sempre taxada como elitista. Complementando a pergunta do Marco, isto se deve ao afastamento que sempre caracterizou a Universidade Brasileira, em grande parte se caracterizou durante muitos anos como fechada, hermeticamente fechada e as pesquisas sempre a nível teórico, pouca prática, que é o que o senhor não pretende que acabe caindo a Unicamp. E um desses problemas que eu havia marcado, é o problema dos cursos noturnos, que o senhor já respondeu em grande parte. Agora eu pergunto ao senhor: quanto tempo, mais ou menos, levará o curso noturno [ 00 - 1 ] na Unicamp. Isto porque, têm pesquisas feitas que a clientela, realmente necessitada, que

necessita trabalhar para estudar, vão para a Pucc ou qualquer outra escola particular à noite. São pessoas que não têm condições de pagar uma Universidade; pagam , ganham seus dois, três mil cruzeiros e acabam pagando uma taxa alta, trinta por cento do salário, mais ou menos, “tem” um risco muito mais para estudar. Quer dizer, isto é um problema social grave dentro das escolas brasileiras. O senhor alertou bem que muita gente dentro da Unicamp, ou dentro das escolas estaduais e federais, é oriunda de uma classe média, média alta, e pouco de classe baixa realmente. E a classe baixa apela para o curso particular. Então, eu pergunto ao senhor: como fica a posição da Unicamp? Os cursos noturnos surgirão rápidos ou não, porque essa é a grande crítica que tem sido feita.

**ZV** - Repito que sou francamente partidário da criação de cursos noturnos, com exceção de medicina e talvez agricultura, porque os trabalhos agrícolas, à noite, só japonês. A Unicamp já criou cursos noturnos em Limeira: cursos de tecnólogos,

**FITA II LADO A**

de nível secundário em Campinas e em Limeira. Mas, agora em Limeira criou curso de tecnólogo; já é um grau superior. São os engenheiros de campo com dois, três anos de preparação. Cursos de várias categorias. E ainda não criou aqui em Campinas, porque ainda a Unicamp não está completamente instalada em relação aos cursos noturnos. Mas, se continuar, se a Unicamp quiser ainda seguir o conselho de seu fundador, eu, no futuro, e futuro próximo, buscarei pleitear a criação de cursos noturnos para diversas categorias de engenharia, de economia, de filosofia, de sociologia, de antropologia. Enfim, cursos que ofereçam oportunidade de, a indivíduos que trabalham durante o dia e com a condição de apresentarem carteira de trabalho. Esses terão preferência absoluta; os que não trabalham podem e devem competir no curso diurno. O que não é possível, também, é admitir que não competir no curso noturno indivíduos que estudam em

cursinhos, podem pagar cursinhos e competir com indivíduos que nem sempre têm as mesmas oportunidades e que trabalham durante o dia. Então, a preferência absoluta, isto foi uma das exigências que impus quando fiz o regulamento dos cursos noturnos da Universidade de São Paulo, é que o indivíduo demonstre que trabalha durante o dia para prover as necessidades próprias e as da família que por acaso tenha. Agora, quanto ao número de estudantes está demonstrado que uma Universidade com mais de quinze mil alunos é incontrolável. Uma Universidade não pode crescer indefinidamente. Pode crescer indefinidamente uma empresa de produção de bens, de sabonetes, de engrenagens de câmbio, de barcos à vela, porque pode-se quantificar todos os dados do problema da produção de bens. Mas, a Universidade é uma empresa de produção de cultura, do produto mais nobre do espírito humano, e nós não podemos quantificar e pôr na memória do computador a qualidade do trabalho de pesquisa realizado, ou a qualidade da aula ministrada, ou a qualidade do serviço prestado à comunidade. O controle tem que ser humano, tem que ser apreciado por homens capazes e a capacidade de homens para controlar a qualidade do corpo docente e discente é limitado. Está demonstrado que com mais de quinze mil alunos é impraticável, perde-se o controle total. O gigantismo é patológico para indivíduos como para instituições.

Crie o Estado uma nova Universidade; se há necessidade, se há premência, se há solicitação, o Estado deve criar uma nova Universidade, ao invés de estar ampliando indiscriminadamente o número de estudantes de uma só Universidade.

**RGMF** - Professor, em certa época, eu me lembro razoavelmente bem disso, o senhor evitava, com uma certa diplomacia, até mesmo muita atenção de parte da imprensa sobre as atividades, mesmo as atividades em geral da Unicamp. Me lembro que em diversas ocasiões, o senhor dizia que ela era ainda muito nova. Após isso, por uma nova exposição de motivos em que o senhor voltou a dizer que desta vez, e isso me lembro que foi exatamente na época da criação do grupo “blazers”, a Universidade já estava suficientemente sólida para sofrer as críticas. A que vem esta linha de raciocínio?

**ZV** - Esta linha de raciocínio deriva de uma dura experiência anterior. Quando uma instituição é nova, recém instalada, todos a olham, assim, paternalmente. Eu me lembro bem de Ribeirão Preto quando lá fui instalar a Faculdade de Medicina, e que ninguém acreditava, em cujo sucesso ninguém acreditava, porque consideravam impossível levar para Ribeirão Preto grandes clínicos ou grandes cirurgiões; eles não sairiam das grandes cidades onde tinham clínicas bem remuneradas. Então todo mundo falava na “escolinha” do Zeferino, assim, até com bastante pena do Zeferino; ele era Conselheiro da Universidade de São Paulo, tinha uma posição de um certo destaque no Conselho, um cientista conhecido por seus trabalhos publicados, e assim foi. Era vista, assim, com boa vontade e até com paternalismo e até com pouco de pena do fundador. Sucede que um dia, a Fundação Rockefeller, por seu presidente Dean Rusk, visitou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto; Dean Rusk passou ali três dias com sua comitiva e nos deu um auxílio de quase um milhão de dólares. A partir daí, senti uma campanha séria, na própria carne, contra o diretor da Faculdade e contra a Faculdade. É o que acontece normalmente, também, quando um homem busca se destacar ou quando uma instituição busca se destacar, é que desperta ciúmes, desperta invejas,

desperta despeitos, porque há sempre uma mediocridade, uma rotina, que se unem ao invejoso. Rotina, inveja e mediocridade: são três forças destrutivas que se unem com uma solidariedade invejável, para combater toda a tentativa de que os idealistas se propõem e conseguem alcançar. Na... Então, já tinha experiência de Ribeirão Preto, senti-a bem na própria carne. Aqui em Campinas, da mesma sorte. A Universidade de Campinas, e tal, tá lá o grupinho tentando montar: era o Zeferino, era o professor Almeida, o professor Paulo Gomes Romeo; e todo mundo via, assim, também, ares paternais, boa vontade, etc. Quando porém, tendo trazido para cá um grupo sério de cientistas de física do estado sólido, começaram a surgir os primeiros resultados da política de atrair grandes cientistas nacionais e estrangeiros, começou, também, a campanha contra a Unicamp. Vocês todos são testemunhas de como esta campanha perdurou durante muito tempo, e eu busquei ignorar. E busquei naquela ocasião, cada vez que se fazia uma verificação nova, um trabalho novo interessante, esconder para evitar o acréscimo de agressividade, enquanto

a Universidade não tivesse uma estrutura sólida capaz de resistir a esses impactos. Vocês sabem que, é, todo mundo acreditava que eu não continuaria na reitoria da Universidade, porque levantavam problemas de legalidade disso, daquilo. Mas, enfim, passou a tempestade e eu a ignorei sempre, só respondi quando fui alcançado na minha dignidade pessoal, aí dei uma resposta longa por escrito e acabou passando a tempestade e agora, tudo está aparentemente mais ou menos serenado; há sempre uma manifestação aqui, ali, ou acolá, mas, são manifestações individuais, isoladas, que não têm aquele sentido de avalanche que poderia ter feito sossobrar a Universidade Estadual de Campinas. Hoje, ela está consolidada, ela está aceita, ela está respeitada, e hoje, nós podemos perfeitamente proclamar os resultados que produzem alegrias naqueles que estão verdadeiramente interessados no desenvolvimento científico, cultural, da nação brasileira.

**RGMF** - Professor Zeferino Vaz, no momento em que se inicia o processo da sua sucessão, que tipo, como o senhor traçaria o perfil do próximo reitor? Como, que qualidades deve reunir o próximo Reitor?

**ZV** - Eis aí um problema, meu caro Godoy; você está me lembrando as qualidades que devem reunir o futuro governador de São Paulo. Realmente, eu acho que a primeira condição é de um indivíduo que tenha vivência e experiência de vida universitária. Que saiba o que é uma Universidade e que localize e que considere Universidade não como uma entidade isolada, mas como uma entidade que participa de um contexto de educação, de um sistema de educação, de um sistema que abrange desde o pré-primário, primário, o secundário e também, o superior universitário. De que tenha uma visão do processo educacional não limitado a uma visão estritamente universitária. A segunda qualidade, que eu considero essencial, é equilíbrio emocional; e equilíbrio que lhe permita ter uma visão angular, 360 graus, em que nenhuma esfera tenha predominância ou ênfase, porque Universidade é um conjunto de ciências, de artes e de humanidades abrangendo aí, todos os ramos das humanidades e que tenha bem a consciência de que

ciências e artes não têm um fim em si mesmas. Mas, que objetivem, nas suas atividades, sempre a promoção do bem estar da comunidade, do homem comum, do “Uomo Qualunque”, do bem estar físico, social e espiritual. Essas são as qualidades que se exigem de um administrador universitário e de outro, que seja um indivíduo que uma vez assumindo a Reitoria, abandone qualquer outra atividade para viver dia e noite o problema Reitoria; que busque acompanhar o que faz cada indivíduo na Universidade. Mas, para isso, ele não pode fazer outra coisa, ele tem que pensar dia e noite só em termos de Reitoria. Porque, se ele desvia sua atenção para qualquer outra atividade, quem sai prejudicada é a Universidade. Não pode um Reitor encastelar-se na sua magnificência, criar em torno de si uma torre inacessível, um fóssil inacessível. Não, ele tem que estar sempre, continuamente à disposição de todos aqueles que exercem atividade-fim na Universidade, que são os elementos do corpo docente,

porque a criatividade nasce periféricamente. A administração é atividade-meio para servir, para ajudar, para facilitar o exercício da atividade-fim. O comando é periférico, é da periferia para o centro, a corrente de pensamento é centrípeta. Não pode o Reitor determinar que tipo de atividade deve desenvolver “a”, “b” ou “c”; a corrente de pensamento não pode ser centrífuga. Não pode nem Reitor, nem órgãos colegiados, determinar que tipo de pesquisa deve fazer um certo professor, a iniciativa tem que partir do professor, do docente, da periferia, sobre o estímulo constante do estudante com o qual o Reitor tem que também manter contato. Há de se convencer, há de se ter na alma e na mente a convicção de que Reitor é a atividade-meio, não é atividade-fim. Atividade-meio fundamental e que a sua grande dificuldade não é distinguir o certo do errado. Isto é fácil. É distinguir o certo do certo, entre duas proposições certas e aí que se exige do Reitor uma visão social ampla, escolher qual aquela que, num certo momento, é mais necessária do ponto de vista social. Está bem claro o pensamento e as qualidades que tem que ter o Reitor.

**JRMT** - Eu, na primeira fase, primeiro fiz as perguntas que o município prescinde, inclusive, precisa do apoio da Universidade. Agora, vou dizer dos problemas que a

Universidade [ 52 ] pelo município e os problemas que o município sente com a Universidade. Logicamente, que é o problema da integração. Como a Universidade também necessita, encaminha para integração das cidades com o Estado, a cidade também tem que se preocupar com integração da cidade com a Universidade. E, dentre esses, nós notamos o problema da habitação. Nós temos sido procurados continuamente por estudantes de fora de Campinas, nós sabemos que mais de 70% dos alunos da Unicamp - 50% ?- residem fora da cidade de Campinas. Então, aquele que fica em Campinas, tem problema de moradia. A cidade já tem o problema de habitação, já disse que na Cohab de Campinas tem mais de 20 mil inscritos, e cria-se um problema social. Porque, a orientação que o governo tem dado, e as próprias Universidades, era de ampliar cidade [ 52 ] com residências. E também, a população de uma maneira geral, proprietários de casa, a classe média que tem uma casa apenas ou



um apartamento, às vezes viúvas, elas têm o problema de alugar casas para os estudantes. E a gente nota nesta experimentação que o problema que está, nós procuramos saber as causas também. E um deles, é a maneira como os estudantes são tratados pelo próprio sistema, porque o estudante hoje é visto nas páginas de jornais, principalmente nas primeiras páginas, somente quando, através de passeatas, eles estão sendo assim, sendo agredidos. Então, logicamente, na opinião do público, principalmente do público menos informado, pensa que o estudante é elemento da rua, que é um marginal, e não sabem as verdadeiras razões do universitário, a preocupação que o país tem com o universitário, haja visto as Universidades, então ele é visto como um marginal. Por isso, muitas vezes em páginas policiais. Esse também é um dos motivos pelo qual o pequeno proprietário que tem uma casa apenas, ou um apartamento, ou que teria um ou dois quartos na sua casa alugada para um estudante como acontecia aqui em Campinas, ele tem medo do estudante. Então, eu pergunto ao Reitor, qual a idéia para a solução deste problema?

**ZV** - Bom, eu queria começar afirmando que não é bem um problema da Universidade. É um problema da cidade. Mas, se hoje, a proporção de estudantes da Unicamp é de 70% de fora, eu tenho a impressão de que esse coeficiente vai mudar-se rapidamente,

por uma medida tomada pela Universidade. É querer exigir da Fuvest, quer dizer, da Fundação que faz os vestibulares, que aqueles que puserem a Unicamp como prioridade um, essa prioridade se sobrepõe a qualquer outra. Quer dizer, um indivíduo pode ter a nota maior, mas, se ele pôs a prioridade Unicamp em segundo ou terceiro lugar, ele cede a sua vez ao que pôs para Unicamp em primeiro lugar.

**JRMT** - Isto não é bom para a intenção maior para Fuvest?

**ZV** - Não senhor, pode ser a intenção que queira. O problema... Não, mas, ela já aceitou, já aceitou e está funcionando. O problema que eu tenho observado aqui, é que, estudantes residentes em Campinas, estão em Ribeirão Preto, estão em Botucatu, estão

em Marília, ou estão em Santos, ou estão em São Paulo, e estudantes de fora de Campinas estão aqui. E, mesmo quando querem permutar não conseguem. Ora, esta, este trança-trança de estudantes vivendo longe de suas famílias é absolutamente inconveniente. Primeiro, porque cria um problema da habitação para essa gente de fora; segundo, porque cria um problema econômico para o pai de Campinas que tem que sustentar o filho fora, ou o pai de Ribeirão Preto que tem que sustentar o filho em Campinas e que entraram em faculdades de igual nível ou aproximadamente. Então, por isso foi a exigência da Unicamp de dar prioridades àqueles que puserem Unicamp como primeira prioridade. Como Campinas está crescendo, e a sua população estudantil é grande e boa, que temos bons colégios, eu espero que no futuro próximo, este coeficiente se altera e que a Universidade Estadual de Campinas acabe tendo um número muito maior de estudantes da região do que de fora da região. Facilita o problema social da prefeitura, ou da comunidade, que não é só da prefeitura, e facilita o problema familiar evitando desperdícios e longe também da parte afetiva familiar, o estudante que é obrigado a sair de Campinas para ir estudar em Ribeirão Preto ou vice-versa. Está claro? Esta contribuição, esta contribuição da Universidade é decisiva e importante para a região de Campinas.

**JRMT** - Mas, não é verdade em termos de região. Porque, na realidade, nem todas as cidades poderão ter Universidades. Então, acredito que parte destes 70% passam a ter 40% de voto, que já é uma grande vitória sem dúvida alguma. Mas estes 40% continuarão com problema. Então, em termos de solução desses 40%, para não estar marginalizado, porque hoje nós temos aí com os operários, a criação de barracos, aí, as denominadas favelas que cresce a olho visto. Eu acredito que daqui a pouco, os universitários também estarão, não em barracos de madeira, mas, estarão aí com camping, formando camping em vias. Barraca, não barraco, barraca, barraca de camping, formando uma solução. Eu já, nós temos conversado com alguns estudantes sobre estes problemas, eles estão pré dispostos a trocar parte de vias, praças públicas, se não bem usadas, barracas para poder ter onde morar. E eu acredito que este problema, com a solução que o senhor deu, ótimo, diminui em 50% talvez, mas os

outros 50% continuam, porque todas as cidades não poderão ter Universidades. Então, qual seria a solução para estes 40%?

**ZV** - Essa solução, só Deus sabe. Eu não sei. Em Brasília, eu tive esse problema. Mas, eles acabaram resolvendo na própria cidade de Brasília. Porque Brasília, ao tempo que fui Reitor, estava no começo e vinha estudantes do Brasil inteiro. Eu tive até um caso típico. Não, porque não creio que alcance nunca uma situação dessa, de barraca. Porque em primeiro lugar, o sujeito não agüenta viver em barraca muito tempo, nem cigano agüenta porque ele fica mudando de um lado para outro e que acabam aqui, ali, acolá, sempre dando um jeitinho brasileiro, arranja um quarto não sei onde, uma casa e outra; como em Piracicaba, que é uma cidade muito menor e abriga a Escola Luiz de Queiróz e agora tem outras faculdades e tem uma porção de coisas, e lá tem muito mais repúblicas de estudantes que aqui.

**JRMT** - Tem menos alunos.

**ZV** - Não, do que Campinas agora, mas, no tempo em que Piracicaba tinha 70 ou 80 mil habitantes, a Agrícola Luiz de Queiróz já tinha quantos alunos?

**JRMT** - Mas, nesse enfoque, da maneira como o estudante é visto hoje, talvez não tenha que correr para que o estudante encontre lugar onde morar?

**ZV** - Não, não acredito.

**JRMT** - Porque quando vim para Campinas, eu morei em residência, num apartamento da família, aluguei um quarto num apartamento dividido, tive uma convivência maior. Hoje já não tem mais este tipo de uso. Seria em vista da maneira como o estudante é visto hoje pela média da população?

**ZV** - Não. Mas, aqui em Campinas, nós estamos exatamente buscando mudar esse modelo e esse conceito, porque, por exemplo, os inquéritos todos de indústrias foram feitos por estudantes; estudantes que vão recomendados pela Reitoria. Então, e os industriais deram a eles todos os elementos que não dão a ninguém. Por quê? Porque confiam na Universidade. Então, acaba o indivíduo, com o estudante da Unicamp, tendo um outro conceito. E os nossos estudantes não são agressivos assim, eles não têm tido manifestações de rua, agressivas, que eu me lembre assim, não tem tido. Enfim, eu realmente não sei como esses problemas se resolvem. Acredito que a solução, porque nós já temos milhares em Campinas, e que a solução de ir diminuindo cada vez mais a proporção de estudantes de fora, vai favorecer consideravelmente Campinas e vai auxiliar consideravelmente a solução do problema; é a única maneira pela qual a Universidade pode colaborar.

**JRMT** - [ 00 - 2 ] Esse tipo de coisa não resolveria, porque o grande problema é fiador. O grande problema é fiador para estudante. Inclusive, foi sugerido a criação de uma cidade estudantil, fora de Campinas.

**ZV** - Mas, hoje com a Caixa Econômica servindo de... Dando fiança, eu sei que este problema desaparece.

**JRMT** - Mas, ainda não está tão regulamentado. Pelo menos, muitas pessoas que me procuram para dar fiança... Eu acredito que não está regulamentado.

**ZV** - Mas, aí seria um caso com a Caixa Econômica, porque ela dá fiança.

**JRMT** - Mas, as dificuldades que a Caixa Econômica cria, também, para o estudante, é problema. Nós sabemos hoje que têm fiadores profissionais: gente, senhoras aí, que cobram uma taxa para fiar. Mas, muitos pontos positivos que eu vejo [ 00 - 2 ] está sendo resolvido. Logicamente, [ ] pelo problema da quantidade. Mas, nunca se fez

um estudo junto ao Banco Nacional de Habitação, para providenciar residência, apartamentos para estudantes?

**ZV** - Mas, aqui já há uma tentativa na prefeitura, não é? Ao tempo do prefeito Lauro Péricles, houve uma tentativa neste sentido, que eu não sei a que fim chegou. Mas, houve tentativas de se criar núcleos estudantis concluídos pelo BNH.

**MA** - Professor, o senhor disse há dias aí: “deixo a Reitoria, mas não deixo a Unicamp”. Então, eu queria saber porquê e como isso daí; se seria uma garantia para a continuidade desse trabalho e tal, ou problemas afetivos à criação?

**ZV** - Foram duas razões pelas quais eu disse que não deixo a Universidade. Porque, em primeiro lugar, porque todos os professores da Universidade me pedem para continuar aqui, considerando que a minha presença, ao menos física, é interessante para a garantia de continuidade e para que não se interrompa um caminho, que bem ou mal, tem conduzido a resultados práticos e interessantes. Como vou continuar? Naturalmente,

eu posso ser contratado como professor, eu sou Titular aposentado da USP, e posso ser contratado pela legislação trabalhista e, portanto, continuar e servir, e espero que me indiquem, assim, como homenagem ao Reitor que tem assento no Conselho Universitário para ter voz, não para voto, mas para ter voz e dizer alguma coisa da minha experiência. O segundo, é motivo de ordem afetiva, não é? É claro que, tendo eu vivido estes doze anos, tão intensamente, a criação disto a partir de um canavial, esteja a ela ligado sem querer continuar numa atitude paternal de querer dirigir a Universidade. Acho que não posso, nem devo, nem quero. Mas, quero continuar aqui para ver se prossigo em algumas pesquisas que interrompi há muitos anos. E, segundo, para poder escrever um pouco da história, que eu devo e sinto a necessidade de

escrever, da USP (e que sou testemunha desde a fundação), da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e da Unicamp. São essas, e um pouco de Brasília.

FITA II - LADO B

**RGMF** - Professor, duas questõezinhas para encerrar. Uma delas é a seguinte: o senhor acredita que a sua sucessão transcorra em calma?

**ZV** - Não tenho dúvida nenhuma, que transcorrerá na mais absoluta calma sem nenhum traumatismo. Porque, qualquer que seja o professor escolhido, sendo da Unicamp, e tendo aqui vivido e convivido, é claro que eu não creio que o sucessor vá provocar qualquer traumatismo, nem terá nenhum interesse em fazê-lo. Acredito que é tão idealista quanto eu no sentido de prosseguir o caminho da Unicamp para a promoção do aperfeiçoamento cultural do nosso país.

**RGMF** - Os próximos seis anos do Presidente Figueiredo devem marcar a nova etapa de desenvolvimento. Não, não, o próximo mandato é de seis anos. Bom, então, retomando. Dentro deste esquema há uma certa coisa ainda um pouco nevoenta. A Universidade de Campinas é, embora seus estudantes tenham participado dos movimentos estudantis em todas as ocasiões deste tipo, ela é o próprio, ela é conhecida como uma Universidade liberal. O próprio secretário de segurança diz que um episódio como o da Puc de São Paulo, não ocorreria aqui por duas razões: primeiro, porque os estudantes não fariam movimentos do mesmo tipo e, segundo, porque o senhor não admitiria a presença da polícia aqui, como houve lá. O que é que o senhor diz a respeito disso?

**ZV** - Quem afirmou isso? Foi o secretário de segurança? Acho que ele tem inteira razão. Inteira razão, porque realmente, nunca precisei de pedir auxílio da polícia. Nunca, e não admito a interferência de polícia aqui dentro da Universidade. O

responsável sou eu. Se eu não cumprir com o meu dever de preservar a disciplina e a ordem, eu devo ser destituído do cargo, como qualquer reitor que não tenha a capacidade de manter a ordem e a disciplina na sua unidade. É claro que para isso, é preciso que ele tenha o respeito da comunidade acadêmica e essa comunidade acadêmica é a comunidade de professores e de estudantes e de funcionários. Se ele tem o respeito da comunidade acadêmica, em casos assim de crises, de convulsão, ele busca entrar em contato para saber que problemas estão afligindo e, quando um professor meu foi preso por qualquer motivo, eu fui visitá-lo, aí na fase de incomunicabilidade; aliás, dois já foram presos e consegui das autoridades superiores, inclusive do segundo exército, autorização para vê-los, conversar com eles e saber se estavam bem tratados. E estavam. Para que? Porque eu sou um reitor que disciplina e tem o reitor que, tem que prover a segurança daqueles que estão a ele subordinados numa certa oportunidade. Então, eu fui vê-los para tranquilizar as famílias, para dar-lhes apoio e para que eles saibam que tem alguém na retaguarda, vigiando pela integridade física e moral. E devo dizer que nos dois casos, eles estavam absolutamente respeitados e depois foram soltos. E o mesmo sucedeu com estudantes nossos que foram presos em Ibiúna, no congresso de Ibiúna. Eu consegui do secretário de segurança uma coisa que, talvez, não pudesse fazer: fui me encontrar com eles no período de incomunicabilidade previsto pela Lei de Segurança. Fui à Penitenciária do Estado, conversei com eles, levei lá os meus cigarros, os chocolates e buscar dar notícias deles para as respectivas famílias, que estavam ansiosas para saber como eles estavam sendo tratados. Mas, nunca tive medo de ser pichado pelo fato de ir visitar esses professores e esses alunos. E, são essas atitudes que talvez expliquem porque, aqui em Campinas, eu nunca tenha tido necessidade de apelar para o auxílio de forças estranhas para manter a ordem e a disciplina.

**RGMF** - Finalizando. O Zeferino Vaz em 79, Ministro da Educação ou Presidente da Funcamp?

ZV - Presidente da Funcamp, eleito; quer aqui viver, continuar a dar à Universidade de Campinas, colaboração, a sua experiência, o seu passado, o seu conselho. Nunca sair da Universidade. Espero continuar aqui, enquanto Deus me der vida, saúde e capacidade mental de ser útil à Unicamp. Eu me sinto na Universidade como um peixe na água, como quem está perfeitamente a vontade. Não aceitarei nenhum outro cargo ou comissão fora da Unicamp.

Transcrição feita a partir de fita original recebida pelo Arquivo Central em junho de 1996.



## Dados Técnicos

1) Gravação: original em fita cassete BASF

Tempo: 120 minutos

2) Transcrição

- Símbolos: [ ] quando não compreendido
- Intervenções: sem intervenções, transcrição literal

3) Publicação: Síntese da entrevista foi publicada no jornal O Estado de São Paulo de 19/03/78.

Unicamp - Arquivo Central do Sistema de Arquivos, 27 de junho de 1996.

---

Neire do Rossio Martins  
Diretora do Arquivo Central - Siarq

---

Márcia Aparecida Marques Silveira  
Responsável pelo Serviço do Arquivo Permanente